

A escrita feminina de Paulina Chiziane e Lia Vieira: pensando sobre feminismos negros e pós-colonialidade¹

Ana Cristina da Costa Gomes²

Resumo: O objetivo deste artigo é pensar a produção literária feminina moçambicana em aproximação com a Literatura Negra feminina brasileira para então refletir qual o papel de ambas na construção do processo de emancipação das mulheres negras naqueles dois países. Para este estudo, tomamos como base o romance de *Niketche, uma história de poligamia*, da escritora moçambicana Paulina Chiziane, em aproximação com os contos *Os limites do moinho* e *A paixão e o vento* da brasileira Lia Vieira, tendo como referência teórica a concepção de estudos pós-coloniais trabalhada por Inocência da Mata (2014) e a possibilidade fala da mulher como nos aponta Gayatri Spivak (2010).

Palavras-chave: Feminismo negro; escrita feminina; Paulina Chiziane; Lia Vieira

Introdução

*Dói a mesmíssima angústia nas almas dos nossos corpos
perto de à distância. (Noémia de Souza)*

O que é ser mulher negra? O que é se colocar no mundo, em uma lógica de mulher negra em processo de emancipação? Haverá diferença de como agem e pensam essas mulheres quer no Brasil ou em Moçambique ou será que “as almas de seus corpos sentem a dor da mesmíssima angústia” (SOUZA, 2018)? Angústia de ser mulher negra que busca sobreviver “aos meandros hegemônicos” (MATA, 2014), cujas “relações de poder (...) que se caracterizam pela diferença étnica, de raça, de classe, de gênero, de orientação sexual” (Idem).

Indagamos ainda como a escrita dessas mulheres denunciam os pontos que as angustiam e como está escrita se constitui em uma ferramenta efetivamente de ruptura das opressões a que estão submetidas em suas sociedades e culturas, em que desestabilizam crenças e epistemologias que recaem sobre as duas escritoras que serão aqui observadas, considerando ainda o fato de que uma se encontra no Continente Africano e a outra vive as experiências de ser mulher negra na diáspora, em país da América Latina que também sofre os impactos do colonialismos e, como se refere Inocência da Mata (2014), em sua lógica de construção de saberes classifica as ambas como subalternas.

¹ Trabalho realizado no âmbito do curso Introdução à Literatura Moçambicana, promovido pela Revista África e Africanidades, no segundo semestre de 2018, sob coordenação da professora mestra Nágila Oliveira dos Santos.

² Mestra em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

É possível considerar essas escritas como feministas? Quais os traços e recortes que colocam as escritas dessas mulheres naquele lugar? Para responder a isso é preciso também pensar qual o posicionamento apresentado por elas, qual a compreensão de feminismo e o que esta possível inserção neste movimento contribui também para que haja a virada epistemológica que retira a mulher, sobretudo a mulher negra da subalternidade e da subalternização.

Tenho trabalhado esses dois termos a partir do referencial trazido Gayatri Spivak (2010) em seu livro *Pode o subalterno falar* em que a autora, considera a partir perspectiva da Índia, o status de assimetria “legalmente programada” em que vivem homem e mulher. Vale ressaltar que esta assimetria legal, até pouco tempo também era observada no Brasil, quando a mulher liberada para voto em 1932, obrigação de assumir o sobrenome do marido é relativizado em 2002. Já em Moçambique, questões civis ligadas à poligamia, por exemplo, também são indicativos da subalternidade.

O conceito de subalternizado aproxima-se de com Maria Lugones (2008) que nos alerta que gênero deve ser entendido como categoria que foi construída pelo colonialismo, desse modo, as categorias homem e mulher recebem significados diferentes em corpos colonizados e não colonizados, dando, ao corpo da mulher, este significado, isto é, embora a inferioridade não esteja no campo legal, ela permeia as relações.

Conhecendo Lia Vieira

Sem destino certo, sangro palavras, tatio na pele declarações de afetos para as irmãs que recolhem: chorar de pena, cantar de mágoas, dizer de dores, pregar sedução, agradecer o amor (Lia Vieira, 2011)

O livro de Lia Vieira, *Só as mulheres sangram*, publicado em 2011 pela editora Nandyala, observa-se que, em meio aos nove contos, há uma humanidade que se individualiza negra. Vieira mostra, sem nenhum desvio, uma leitura (e escrita) feminina de seu universo que assim ela proclama e “partilha consumada e tranquila” (VIEIRA,2011).

Em todo o livro, constata-se uma autoridade narrativa que permite identificar o contexto maior que ali é apresentado. Deste modo, por meio de um discurso militante, lúcido e ainda sim simbólico (por ser literário) trata da realidade e, ao mesmo tempo, ilumina fatos que estabelecem o racismo nas estruturas sociais brasileiras e também nas superestruturas desta sociedade. Por este caminho, a comunidade negra é emocionalmente revelada em seus gestos, vocabulários, complexidades, anseios e subjetividades.

Os temas abordados e seus desdobramentos fazem parte do cotidiano que está nos jornais, nos debates das rádios, em textos acadêmicos, no entanto, quando ele vem para a literatura ganha dimensões simbólicas que, apropriando-se de György Lukács, “seria um reflexo da realidade objetiva” (LUKÁCS,2010, p.20), mas “reconhecendo a ação extraordinariamente intensa e profunda da arte e da literatura sobre a

consciência dos homens” (Idem *ibidem*), permite “o retorno do *pathos* “ (Idem *ibidem*, p.21).

Desde o seu título, o livro não terá o papel de descrever os fatos, mas a função de narrar os sentidos. Trazendo para o leitor as experiências dos muitos personagens que, por meio de sua *fisionomia intelectual*³, apresentam as suas concepções de mundo. Para o autor, em sua abordagem da teoria da literatura,

(...) a concepção de mundo é a mais elevada forma de consciência; por isso o escritor que a ignora suprime o aspecto mais importante do personagem que pretende criar. A concepção de mundo é uma profunda experiência pessoal do indivíduo singular, uma expressão altamente característica de sua íntima essência e reflete ao mesmo tempo os problemas de sua época. (LUKÀCS, 2010, p. 189).

Neste livro destacamos dois contos: *A paixão e o vento* e *Os limites do moinho*. No primeiro conto, Ritinha, mulher muito jovem, seduz o homem que a desejava desde a adolescência e impõe o encontro, mas “ no dia em que se deram a conhecer de suas entranhas brotou uma língua flamejante que reduziu o membro tão esperado em um montinho de cinzas” (VIEIRA, 2011, p.14). “Bira brochou” (Idem, *idem*).

No conto *Limites do moinho*, o que temos é Domingas, mulher que já no início da narrativa se identifica como “orientada para a realização e a independência” (Idem, p.19), mesmo sendo sozinha, sabe que, por mais profunda que seja experiência amorosa que vive com o escritor Ramon em terra cubanas, ela acaba ali, quando terminam os dias de sua estada naquele país. Nos dois contos, o que vemos são as mulheres assumindo posições de decisão, como donas de seus corpos definem para si o ficar ou o partir. Acima do querer dos homens estão as suas próprias escolhas para as suas vidas. Como sujeitos e não como sujeitadas elas por mais que sangrem, se colocam para o fim da exploração, da opressão e se moverão sobreviventes em relação à liberdade.

O que nos diz Paulina Chiziane

Estas mulheres simbolizam a dor do mundo. Bebo suas dores, os seus sentimentos. (CHIZIANE, 2002, p. 104)

Desde a adolescência Chiziane se coloca como questionadora, militante e revolucionária. A sua inserção na AEMO (Associação dos Escritores Moçambicanos) aconteceu sob resistência dos homens, sendo considerada louca por se colocar no enfrentamento daquela situação preconceituosa. Suas obras sempre se preocupam em trazer as mulheres de sua terra em protagonismo que desconstróem os papéis que lhes são culturalmente impostos e também reforçados pelo colonialismo.

³ Este é um conceito apresentado por LUKÀCS(2010) e que se refere a construção e constituição do personagem, sendo, a fisionomia intelectual o que distingue e caracteriza entre si cada um deles.

São mulheres que assumem as narrativas de seus cotidianos, expondo seus pensamentos e posicionamentos em relação a sua sociedade. Narrativas que trazem conflitos contemporâneos desta mulher que Paulina Chiziane busca, por meio “da literatura um meio de retirar a mulher da marginalidade incumbida a elas por séculos”. ()

A rejeição ao sistema de patriarcado marca suas obras, em que também se propõem afastar as mulheres de lugar de submissão e vínculo exclusivo com os afazeres domésticos. No romance *Niketche, uma história de poligamia*, suas personagens não aceitam passivamente a tradição da poligamia, mas buscam naquele modelo a possibilidade de escapar da opressão. As suas personagens, em especial as do romance *Niketche*, já não toleram a concepção de que mulher seja sinônimo de trabalhos domésticos e subserviência ao homem. As mulheres se unem contra o sistema patriarcal, mas as ações delas sempre são barradas pela tradição que as impede de prosseguir na luta.

A revolta contra o patriarcado presente nas obras de Chiziane a caracterizam como escritora feminista. Embora a autora afirme que só conta histórias de mulheres com quem conviveu, há traços que confirmam um discurso feminista em sua escrita. No romance *Niketche* a personagem Rami, uma mulher moçambicana que revolta-se com a posição feminina no seu país, narra sua história em que as convenções e doutrinas dos colonizadores portugueses são as bases de sua criação e, por este caminho realiza um casamento que ela acredita ser monogâmico, Rami observa que sua vida é igual a de tantas outras mulheres de seu bairro cujos maridos estão ausentes e esta ausência tem por razão o fato de que os homens têm outras mulheres. De acordo com o que sinaliza Rami, é importante para a mulher e para a família que o homem esteja presente

Um marido em casa é segurança e proteção. Na presença de um marido, os ladrões se afastam. Os homens respeitam. As vizinhas não entram em qualquer maneira para pedir sal, açúcar, muito menos para cortar na casa de outra vizinha. Na presença de um marido, um lar é mais lar; tem conforto e prestígio. (CHIZIANE, 2002, p. 8)

Este reconhecimento, contudo, embora seja uma marcar da forma como a mulher moçambicana perceber a importância do relacionamento matrimonial, não aparecem no romance como uma justificativa para que as tradições machistas prevaleçam no dia a dia, de modo que Rami questiona esta conjuntura, une-se às mulheres de seu marido e assim constroem um caminho de vitória de suas dignidades, agindo por dentro do sistema, implodindo-o.

O feminismo negro e outras correntes

Tanto no Romance de Chiziane quanto nos contos de Vieira, vemos as mulheres buscando outros caminhos de representação. Na realização de uma análise comparada dos lugares de fala de cada uma dessas mulheres, uma do Brasil outra de Moçambique, é importante pensar que essas escritas

femininas são sinalizadoras dos posicionamentos políticos das mesmas. Podemos considerar suas falas feministas?

A construção e os processos de libertação das mulheres negras seguem trajetórias distintas no Continente Africano e na diáspora. Tratam-se de posicionamentos filosóficos que se conformam a partir de visões de mundo diferenciados e que revelam os muitos impactos que o colonialismo e o capitalismo provocaram nas culturas e nas vidas das sociedades negras, principalmente a partir da escravização.

Para além da discussão de feminismo, coloca-se o feminismo negro, que, de certa forma, as mulheres negras brasileiras seguem esta concepção de bandeira de luta. Lia Vieira é uma mulher diretamente envolvida na luta das mulheres negras de seu país, posicionando como feminista. No entanto, precisamos salientar, que o feminismo negro é distanciado daquele feminismo ocidental. O que buscam as mulheres negras é a desconstrução da subalternização que lhe imposta pelo interseccionalidade do racismo, sexismo e diferença de classe que objetificam seus corpos, desumanizando-as, não reconhecendo a existência de capacidades intelectuais, científicos e filosóficas. Neste processo, não necessariamente se afasta dos homens, mas, pela própria situação histórica, busca sua reorganização que pode prescindir da presença masculina, inclusive no campo afetivo ou sexual.

No caso das mulheres negras do continente africano, a maioria se coloca dentro do que denomina-se *african womanism* (mulherismo africana). Esta é uma concepção que se coloca na pós-colonialidade e como tal, se afasta do discurso colonizador no qual entende que o conceito inicial de feminismo está inserido e que este menospreza as culturas africanas. O mulherismo também acredita que ao relatar as fragilidades das mulheres pode enfraquecer as ações anticoloniais.

A luta para uma vida mais livre e igualitária não significa abrir mão de ser mulher e de estar aliada ao homem e não em conflito com ele. Este aspecto fica patente na literatura de Chiziane que, inúmeras vezes já se colocou fora do rótulo de feminista. Afirma a escritora em entrevista:

A minha história é igual a de muitas mulheres. Isto é, quando eu cresci, vivi sempre ao lado de outras mulheres mais velhas e das minhas amigas porque não me era permitido um mundo de mistura com o masculino. Quando fui para escola, fui para a escola feminina; quando me casei, fui para cozinha. Então tudo o que eu sei na vida é somente a vida das mulheres. Eu quando escrevo, escrevo a condição da mulher, sim. Mas não no feminismo tradicional, europeu, nada disso. Eu conto histórias de mulheres porque sou mulher, pronto, só isso. É a única coisa que eu sei. (CHIZIANE, 2013)

As escritas de Chiziane e Vieira revelam seus posicionamentos de mulheres negras comprometidas com suas realidades, com diferentes concepções, contudo, não seguem caminhos opostos. As duas trabalham para que a mulher negra possa falar (Spivak, 2013) por si e ser ouvida, isto é, ter representação positiva, fora das estereotípias e preconceitos que fazem esta mulher subalterna ou subalternizado.

Pensando no papel da escrita feminina das Literaturas negras do Brasil e africanas

Falar, de acordo com Spivak (2010), trata-se de posicionamento do sujeito do Terceiro Mundo, que se desloca da representação que é dada a ele no discurso ocidental e se põem em oposição a uma soberania subjetiva em que o sujeito do ocidente é o sujeito soberano. Ao produzirem suas literaturas, no entanto, Vieira e Chiziane realizam o deslocamento desta percepção ocidental que quer se firmar como universal e única visão de mundo válida. A postura apresentada pelas autoras vai ao encontro do que apontam as críticas pós-coloniais.

A pós-colonialidade consolida-se nos anos de 1980 a partir dos Estudos culturais que têm início na década anterior, na busca e na afirmação da existência de “narrativas outras”, ela tem na literatura sua aliada, de modo que muito de literatura quer ficcional quer teórica de escritores de fora do eixo europeu ganhou volume, colocando-se como novas epistemologias que emerge, ou melhor, que se insurgem, mais ao sul.

Inocência da Mata, ao pensar os estudos pós-coloniais, traz a luz Polar (2000) sobre o fato de a “literatura ser produção social, portanto parte integrante de uma realidade” e que será a “reivindicação da autonomia teórica” que desnaturalize as fronteiras da subalternidade. De acordo com Mata

(...) pós-coloniais pretendem que elas funcionem, também, como instrumento de análise de relações de hegemonia e desvelamento da colonialidade do saber segundo uma estratégia de resistência a sistemas de conformação da tendência hierarquizante da diferença, como seja, por exemplo, o eurocentrismo. Daí a generosidade com que estas epistemologias se disseminaram, o que torna relevante a consideração de Ella Shohat de que essa designação – *pós-colonial* – é pastoral pois, apontando para o final de um período, bem visível no sufixo *pós*, ratifica a ideia de um mundo de iguais e sem fronteiras, *naturalizando* as desiguais relações de poder geradas pelos efeitos homogeneizantes da globalização contemporânea, cujos circuitos (econômicos, sociais, culturais, até científicos) são orientados para o Ocidente (a Europa e a América do Norte). É este trabalho de desvelamento, que é também de desmistificação, que permite direcionar o nosso olhar para os (outros e novos) interstícios do poder (2014, p. 31).

Este é o lugar ocupado pela literatura negro-feminina de Paulina Chiziane e Lia Vieira. Percebendo-se também reveladores de historicidade e crítica social, levam nossos olhares para outras possibilidades de ser mulher negra, de ser negro, de estar no Continente Africano ou na diáspora fora do que o eurocentrismo aponta como verdade. Suas falas (escritas) são posicionadoras de suas buscas emancipatórias que intentam também a construção de sociedades outras, cujas diferenças não sejam baseadas em

marcadores hierárquicos que subalternizam o corpo, o saber e o pensar do negro e, de forma mais acentuada, a mulher negra.

Para concluir

Realizando uma visita rasa aos conceitos de feminismo negro e mulherismo africano, uma vez que o trazido aqui não dá conta das complexidades do tema, este breve estudo sobre as Literaturas negras femininas de Paulina Chiziane e Lia Vieira nos trazem a pensar o quanto essas mulheres, ao identificarem os processos de coloninismo e colonialidade que as colocam em subalternidade e subalternização, realizam os deslocamentos necessários para que, ao mesmo tempo em que haja as críticas sobre as relações de machismo (Brasil) e patriarcalismo (Moçambique), ocorram também a visibilidade das epistemologias outras que emergem em seus lugares de fala.

Falando delas mesmas, não se colocam como intelectuais porta-vozes das dores alheias mas, ao contrário, mesmo ainda dentro de um contexto histórico que as colocam em desvantagens política, social e econômica e simbólica. Em respeito à posição de Chiziane, não direi que este é um exercício do feminismo, embora não seja possível desconsiderar que a Literatura Negra feminina no Brasil, na qual a Vieira se integra muito contribui para a consolidação do feminismo negro em seu país. Independente dos rótulos, as duas escritoras investem na emancipação das mulheres e na insurgência de seu povo.

REFERÊNCIAS:

CHIZIANE, Paulina. **Niketche, uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

_____. **Paulina Chiziane a páginas tantas**. [Transcrição de entrevista]. Disponível em: <www.youtube.com/watch?v=yYlWtj7afJA>. Acesso em: 15 ago. 2018.

LUKÁCS, György. **Marxismo e teoria da literatura**. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

LUGONES, Maria. Rumo a um feminismo descolonial. Santa Catarina: **Revista de Estudos Feministas**, 2014.

MATA, Inocência. Estudos pós-coloniais: desconstruindo genealogias eurocêntricas. Porto Alegre: **Civitas**, 2014.

SANTOS, Joycy Carvalho. **Escritas sobre a condição feminina: uma análise do romance Niketche, de Paulina Chiziane**. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica de Porto Alegre, 2015.

SPIVAK, Gayatri. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VIEIRA, Lia. **Só as mulheres sangram**. Belo Horizonte: Editora Nandyala, 2011.